

RENAN FREIRE PEREIRA<sup>1</sup>

## AS DIFERENTES INTERPRETAÇÕES A RESPEITO DA GUERRA DO PARAGUAI

### RESUMO:

O projeto aqui apresentado tem como um de seus principais objetivos analisar as diferentes interpretações tecidas ao longo da história em relação ao confronto armado denominado (predominantemente pela historiografia) de Guerra do Paraguai. Sendo assim, debruça-se sobre a chamada historiografia tradicional (ou patriótica), a historiografia revisionista e, principalmente, a nova história.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interpretações, historiografia; Paraguai; Brasil.

### THE DIFFERENT INTERPRETATIONS REGARDING THE PARAGUAYAN WAR

**ABSTRACT:** The project presented here aims to analyze the different interpretations woven throughout history regarding the armed conflict predominantly referred to by historiography as the Paraguayan War. It thus examines traditional (or patriotic) historiography, revisionist historiography, and, most importantly, the new history.

**KEYWORDS:** Interpretations, Historiographies, Paraguay, Brazil.

### INTRODUÇÃO

Em 1864, após o Paraguai invadir a província brasileira do Mato Grosso, o Império do Brasil declarou guerra ao governo paraguaio, tornando factual uma realidade já pré-anunciada pelas divergências entre os dois Estados Nacionais, na qual o Brasil no final da década de 1850 prepara-se, em alguma medida, para um possível conflito. Dessa maneira, o Marquês de Lisboa é enviado para o continente europeu com a missão de adquirir 100.000 novos rifles (DORATIOTO, 2002).

Pela escalada do confronto, a disputa pela narrativa do conflito seria de extrema importância para o Império. Assim, a primeira espécie de historiografia a surgir foi a denominada de patriótica ou tradicional. Após esta, tivemos, por volta da década de 70, o surgimento da historiografia revisionista, na qual procurava denunciar que a razão do confronto se devia à uma suposta influência imperialista britânica. Por sua vez, no início dos anos 2.000, pudemos assistir ao surgimento de uma outra historiografia, mais sóbria e embasada: a chamada nova história.

### MATERIAL E MÉTODOS

Os materiais utilizados ao longo da pesquisa consistiram em uma bibliografia formada tanto pela leitura de obras científicas produzidas por diferentes historiadores quanto pela análise de diários e relatórios oficiais produzidos à época da guerra e posteriormente

### UMA ANÁLISE SOBRE AS DIFERENTES INTERPRETAÇÕES

#### 1. A historiografia tradicional (ou patriótica)

Essa historiografia surgiu imediatamente após a Guerra do Paraguai e constituiu-se através de um caráter memorialista, através de textos, livros e diários de militares.

Primeiramente, o memorialismo é um gênero literário formado por textos que relatam memórias e experiências vividas. De acordo com Maestri (2009), essa historiografia tradicional ou patriótica (a qual ele chama de historiografia de trincheira), tratou especialmente a respeito da “abnegação”, isto é,

<sup>1</sup> É aluno do Instituto Federal de São Paulo - Campus Votuporanga. Cursa o 2º do Ensino Médio Integrado.

dos sacrifícios militares brasileiros em defesa do país com uma exagerada exaltação da pátria. Com o golpe de 1889, que instaurou a república no país, tornou-se necessário legitimar a nova forma de governo vigente, autoritária e elitista, com a busca de uma identidade nacional.

De tal forma, consolida-se a narrativa nacional-patriótica que como Maestri (2009) nos lembra, não se preocupou em tecer uma análise profunda e científica a respeito da participação brasileira no conflito, preferindo servir ao Estado republicado que se formava. Nesse conforme, produziu uma análise cronológica que apresentava o Brasil, em especial suas forças armadas, como a civilização e Solano López, chefe de estado paraguaio, como a barbárie.



FIGURA 1. Batalha do Avaí (Pedro Américo).

Além disso, as interpretações da historiografia tradicional também se expressam na produção artística do período, por exemplo, o quadro acima que retrata a batalha do Avaí foi pintado sob a encomenda da monarquia brasileira, na qual saiu fragilizada do conflito no plano interno devido ao acúmulo de dívidas.

## 2. A historiografia revisionista

Durante a década de 1960 houve o surgimento de uma nova corrente historiográfica denominada de revisionismo na qual entre seus principais nomes estão o argentino León Pomer, e o brasileiro Júlio Chiavenato. (FAUSTO, 1999) Essa historiografia buscou revisar a produção histórica a respeito do conflito até então produzido pela historiografia tradicional.

Dessa maneira, os revisionistas narram os acontecimentos através da perspectiva da interferência inglesa, algo que fica claro na obra de Júlio José Chiavenato. Sendo assim, nas palavras de Chiavenato: “comparando-se à explosão nacional de progresso do Paraguai [...] com a [...] quase inexistente indústria brasileira e argentina, é evidente que o Paraguai, para a “civilização inglesa”, era um perigo.” (CHIAVENATO, 1979, p.32)

Nesse contexto, autores de vários cantos do mundo também analisaram a Guerra do Paraguai através dessa leitura, entre os mais notáveis exemplos está o do historiador britânico Eric Hobsbawm que em seu livro: *A Era do Capital*, atribuiu a culpa da Guerra do Paraguai aos mandos ingleses. Ele nos diz que a Inglaterra forçou o Brasil, a Argentina e em parte o Uruguai a fazer cumprir seus interesses no continente, fazendo o Paraguai perder a “autossuficiência, conseguida na única área na América Latina onde os índios resistiram ao estabelecimento de brancos”, para assim, forçar toda bacia do Prata a se integrar na “economia mundial inglesa”. (HOBSBAWM, 2005, p.87-101)

Em conformidade, os ingleses teriam encontrado no Paraguai um obstáculo à sua expansão comercial que ocorria em todo o globo em razão do fechamento do mercado consumidor paraguaio que conseguiria por si só suprir.

Em síntese, foi definido que se houve um confronto entre duas estratégias de crescimento: como mencionado, a Inglaterra, maior potência imperialista da época havia manipulado os envolvidos na guerra, para que se “aniquilasse” o Paraguai, interrompendo seu processo de desenvolvimento — auto suficiente —, e não dependente do mercado inglês. Sendo assim, a derrocada do governo

## CFC condena livros de Chiavenato

O livro *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*, de Júlio José Chiavenato, foi considerado ontem pelo Conselho Federal de Cultura "uma distorção da História por parte de supostos historiadores panfletários para servir a ideologias antinacionais". Todos os conselheiros consideram o livro "indigno de ser lido pela juventude universitária".

A conselheira Cecília Maria Westphalen, professora de História, mencionou que o livro de Júlio José Chiavenato não se trata de caso único, referindo-se a "outras obras destinadas a estudantes em que se distorce crivelmente a História do Brasil, apresentando-a sob perspectivas deformadoras e até difamatórias".

paraguaio, que promovia a suposta autossuficiência econômica de sua nação, abriria espaço para que a Inglaterra pudesse ampliar seu mercado consumidor nas terras paraguaias. (DORATIOTO, 2002)

Nesse contexto, o revisionismo se desenvolve à época da Ditadura Militar brasileira, o que levaria seus autores a sofrerem com alguma censura ao denunciar os vários crimes de guerra brasileiros. Por exemplo, o Conselho Federal de Cultura considerou os textos revisionistas a respeito da guerra como uma versão distorcida da História brasileira. Em anuência, em uma de suas últimas entrevistas (em relação a Guerra do Paraguai), Chiavenato relata as tentativas de censurá-lo e justifica a possibilidade de publicar seu livro com o contexto histórico de 1979 (ano de publicação de *Genocídio Americano: a guerra do Paraguai*), na qual João Figueiredo havia acabado de tomar posse sob a promessa de abertura gradual. (QUEIROZ, 2011, p.311)

FIGURA 2. Jornal do Brasil notícia decisão do CFC em 1980.

### 3. A nova historiografia

Uma excelente análise a respeito da nova historiografia encontra-se em *História do Brasil* (FAUSTO, 2005), sendo *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai* (DORATIOTO, 2002), uma das melhores obras dessa historiografia por conta de suas interpretações sóbrias.

Para Boris Fausto (2005), a nova historiografia da Guerra do Paraguai tem sua vantagem sobre suas predecessoras devido a sua capacidade de entender o conflito através das relações dos países envolvidos, porém sem negar a influência do capital inglês na região.

Em síntese, para a nova historiografia, a Guerra do Paraguai é fruto do processo de consolidação dos países da bacia platina enquanto Estados nacionais. Diferentemente do revisionismo, que credita o conflito à influência inglesa, a nova historiografia, dotada de mais fontes, credita o conflito às decorrentes contradições entre os países envolvidos, enquanto se dá seu processo de construção nacional.

Sendo assim, dotada de mais fontes que o revisionismo, define que é improvável que tenha havido uma serventia brasileira aos interesses da Inglaterra, de tal modo que as relações Brasil - Inglaterra estavam cortadas até o estopim do confronto. Além disso, contesta-se a falta de fontes que afirmem a existência de um mercado consumidor paraguaio ao qual os ingleses pudessem estar interessados. Ainda, se justifica improvável a exposição do Tratado da Tríplice no parlamento inglês, caso o conflito fosse de sua razão. De todo modo, não contesta-se a compra de produtos ingleses para a guerra e o endividamento brasileiro com bancos da Inglaterra. (DORATIOTO, 2002)

Por fim, é mais provável que após a intervenção brasileira no Uruguai em defesa de seus aliados colorados (e dos estancieiros gaúchos que tinham interesses no território), o Paraguai tenha julgado que seria o próximo a ser militarmente invadido e preferido atacar primeiro, algo que se deve muito a falta de um Estado-Maior.

## CONCLUSÃO

Conclui-se que as diferentes perspectivas a respeito do conflito refletem a evolução das técnicas de análise historiográfica. Além disso, é possível observar o enfoque nacionalista no tradicionalismo como fruto de seu tempo. Dessa forma, nota-se que, inicialmente, o foco foi justificar a participação brasileira no confronto e, posteriormente, justificar a forma de governo que teve sua origem no golpe de 1889.

Desse modo, o revisionismo surgiu nas décadas de 1970 e 1980 e tem algum sucesso em expor os crimes militares da época do conflito. No entanto, devido à ausência de fontes primárias, produziu uma análise baseada na interferência inglesa que não possui solidez na realidade.

Por último, surgiu uma historiografia mais sólida e científica, que teve acesso a uma quantidade maior de fontes, permitindo a produção de interpretações mais objetivas e coerentes com a realidade dos acontecimentos.

## **REFERÊNCIAS**

DORATIOTO, F. Maldita Guerra : nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia Das Letras, 2002.

FAUSTO, B.; FAUSTO, S. História do Brasil. [s.l.] São Paulo, Edusp, 2015.

DE QUEIRÓZ, S. Júlio José Chiavenato - Genocídio americano: a guerra do Paraguai. Revista História: Debates e Tendências, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 294-318, 2012. DOI: 10.5335/hdtv.11n.2.2576. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/2576>. Acesso em: 22 ago. 2024.

LEMOS, R. Cartas da guerra. [s.l: s.n.].

MAESTRI, Mário, A Guerra Contra o Paraguai: História e Historiografia: Da instauração à restauração historiográfica [1871-2002], Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Online], Colloques, publicado online em 27 de março de 2009, consultado em 21 de agosto de 2024.  
URL: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/55579>.